

Área temática: Estudos Organizacionais

**FEMINISMO: UMA ROSA CÁLIDA COM O SEU PERFUME E SUA COR  
ENRAIZADA NO SOLO ÁRIDO DO PATRIARCALISMO E DO SEXISMO**

## **RESUMO**

O presente ensaio teórico tem como objetivo compreender as contribuições da teoria crítica para as discussões sobre o feminismo, principalmente em discussões que evidenciam as estruturas de poder e opressão que as mulheres vivenciam na sociedade atual. Para atingir este objetivo, foi apresentada uma revisão teórica sobre Teoria Crítica e sobre o Feminismo para contextualizar e trazer reflexões sobre ambos e as relações que podem ser tecidas entre um e outro. Pretende-se com este ensaio teórico trazer reflexões e um certo incômodo com a realidade misógina vigente na sociedade hodierna de forma a possibilitar uma mudança da realidade das gerações futuras.

**Palavras-chave:** Feminismo, Patriarcalismo, Luta de gêneros

## **ABSTRACT**

The present theoretical essay aims to understand the contributions of critical theory to discussions on feminism, especially in debates that emphasize the structures of power and oppression that women experience in contemporary society. To achieve this objective, a theoretical review on Critical Theory and Feminism was presented to contextualize and bring reflections on both and the connections that can be established between them. The intention of this text is to provoke reflections and a certain discomfort with the prevailing misogynistic reality in today's society, thus enabling a change in the reality for future generations.

**Keywords:** Feminism, Patriarchy, Gender struggle

## INTRODUÇÃO

O poema “A Rosa de Hiroshima”, escrito por Vinicius de Moraes e popularizada pela banda “Secos e Molhados” na voz de Ney Matogrosso, retrata os horrores provocados pela bomba atômica que devastou as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, no final da Segunda Guerra Mundial (Moraes, 2013). A bomba, que foi metaforicamente representada pela rosa no poema, devastou cidades, famílias e pessoas, e trouxe medo e reflexões sobre o que estaria por vir (Moraes, 2013). Na sociedade hodierna, há diversas rosas que devastam e geram temor, mas também provocam reflexões, tanto para quem está dentro do movimento, quanto para os que estão de fora, e o feminismo é um exemplo marcante. As “rosas” podem ser vistas como as mulheres que lutam por essa igualdade e mostram a beleza do movimento. Embora este movimento seja permeado por diversos espinhos, que refletem desigualdades, preconceitos velados e explícitos, e o medo constante pelo simples fato de serem mulheres. No entanto, assim como a “rosa” de Hiroshima, que era cálida e hereditária, e de forma intencional acabou mudando a rota de várias mulheres e de suas gerações futuras ao devastar suas vidas e famílias, a “rosa” do feminismo continua quente e passando para as novas gerações, mas com bom intuito de ser uma rosa “sem espinhos”.

As novas gerações vêm ainda mais conscientes da necessidade de lutar e buscar por espaços mais igualitários, além de abertos e propícios para o diálogo. Contudo, essa luta está bem longe de se findar ou de ser a ideal. Embora exista um movimento crescente em busca dessa igualdade de gêneros, a Teoria Crítica aponta para uma realidade que muitas vezes difere do ideal, pois, a verdade é que, no caso do feminismo, os gêneros têm o mesmo espaço e oportunidades. Todavia, há diversas “verdades alternativas” que enfraquecem esse movimento e que ainda têm uma grande força na sociedade, devido a todo o patriarcalismo e misoginia vigentes na sociedade.

Conforme Nobre (2004, p. 23) pontua, “teoria e prática têm lógicas diferentes, e que não devem se confundir”. Assim, na teoria, o feminismo seria visto como um movimento que demonstra sua beleza ao lutar pela igualdade de gêneros, um ideal validado e defendido pela sociedade. Em um cenário ideal, o feminismo seria acolhido e prosperaria, alcançando mais pessoas e aumentando a conscientização sobre a necessidade dessa igualdade. Todavia, a “rosa” do feminismo é “inválida” para uma grande parte da sociedade, não tem “cor” e nem “perfume”. Assim, a teoria se difere da prática sendo, neste caso, impossível de confundir uma com a outra. Enquanto teoria, a rosa não tem espinhos e os espinhos, quando existindo, são incapazes de ferir. Na prática, estes espinhos machucam e ferem, pois tocam em superfícies “naturalizadas” na sociedade, como a desigualdade, os preconceitos e os sentimentos de medo que rondam aqueles que foram “naturalizados” à margem da sociedade.

Dentre as “verdades alternativas”, que têm força e distanciam cada vez mais a prática da teoria, destacam-se os argumentos que o feminismo é um movimento branco e elitista, traz radicalismo e visa alienar as pessoas (Benedictis; Orgad; Rottenberg, 2019; Borah et al., 2023). Entretanto, tais argumentos, por si só, são alienantes e preconceituosos. Há também críticas ao feminismo quanto ao reforço de estereótipos de gênero, ao destacar o quanto as mulheres se diferem dos homens. Entretanto, esta é uma visão deturpada e que busca enfraquecer o movimento e revela o quanto a teoria está distante da prática. Todos esses argumentos distorcem o movimento a partir de alguns pontos do feminismo, de forma a tentar manter o patriarcalismo e a misoginia, que são tão marcantes na sociedade. Assim como a

“rosa” pode ser vista como bela e que traz um perfume, ela também pode ser a metáfora de uma bomba aterrorizante. Analogamente, o feminismo tem a sua beleza e promove diálogos e reflexões importantes, embora possa ser percebido como limitado e problemático, especialmente por se tratar de um movimento que a sociedade patriarcal não deseja ver fortalecido.

A Teoria Crítica busca promover o diálogo entre o campo social e a crítica de forma a fazer os seus estudiosos refletirem sobre o que a realidade é e como ela de fato deveria ser. Isso acontece pois, na teoria crítica estão incluídas as diversas lutas emancipatórias, dentre elas o feminismo, que busca trazer um olhar cauteloso e crítico sobre a realidade que as mulheres vivem e que, ao se omitirem da luta, permitem que os homens também vivam uma realidade que perpetua o distanciamento dos gêneros. O abismo existente entre teoria e prática dificulta a estruturação de um diálogo que mostre as divergências entre o que o feminismo é e o que ele deveria ser, mostrando-se como um desafio para os grandes estudiosos do tema, devido aos ruídos e também pela fortaleza na qual a misoginia se encontra e que, portanto, dificulta o rompimento dessas barreiras arraigadas na sociedade.

Todavia é possível refletir o feminismo à luz da Teoria Crítica uma vez que esta traz elucidções sobre como a realidade deveria ser ao abraçar as questões de gênero, bem como elucidar sobre como o poder oprime ainda mais aqueles que já são oprimidos pelo sistema. Mulheres como Judith Butler e Nancy Fraser contribuem para esse movimento de elucidção e emancipação das mulheres, pois elas se apoderam da Teoria Crítica de forma a contribuírem com a sociedade e trazerem reflexões sobre a realidade vivenciada no cotidiano. Esta abordagem teórica torna-se, portanto, uma ferramenta dentro dos estudos feministas e organizacionais propiciando um “florescer” de rosas perfumadas e coloridas, mostrando a complexidade do feminismo, que apesar de firmar um compromisso emancipatório com as mulheres, deixa lacunas para ter sua essência deturpada.

Diante disso, o objetivo do presente ensaio teórico é compreender as contribuições da teoria crítica para as discussões sobre o feminismo, principalmente em discussões que evidenciam as estruturas de poder e opressão que as mulheres vivenciam na sociedade atual. A Teoria Crítica tem um compromisso com a práxis social, que seria a colocação da teoria na prática. Para além de diferenciação entre teoria e prática, a Teoria Crítica busca, através da teoria, mudar a realidade social. É este caminho que será trilhado aqui, no sentido de colocar o movimento teórico feminista na prática social.

Para atingir este objetivo, este ensaio traz uma discussão sobre a Teoria Crítica e como ela aborda as questões sobre a realidade, sobre a opressão, sobre os abismos entre teoria e prática e quais as possibilidades de elucidção trazidas por ela. Posteriormente serão discutidas as fortalezas e fragilidades do feminismo e como esse movimento pode ser deturpado por sua incompreensão e pela força da misoginia e do patriarcalismo. Por fim, serão trazidas as considerações finais que refletem a busca de uma *práxis* social para o movimento feminista.

## **A TEORIA CRÍTICA ELUCIDANDO O FEMINISMO**

A Teoria Crítica é uma das escolas que questiona o porquê de as coisas serem como são e também como elas deveriam ser. Traz elucidções sobre certas questões, em especial, as de cunho social, fazendo questionamento sobre assuntos que estão

à margem da sociedade. Toda teoria científica deveria trazer elucidação de forma a compreender o futuro ou, ao menos, produzir conhecimento de tal maneira que possibilite a conexão dos eventos de forma significativa para gerar um novo e real conhecimento e, assim, propiciar um terreno fértil para “colocar em prática” a teoria (Nobre, 2004). Essa colocação traz reflexões e nuances de questionamento quando o feminismo é colocado como o ponto focal desta lente de observação. Embora a crítica deva gerar real conhecimento e propiciar condições para o avanço do saber no futuro, pode-se questionar por qual razão os argumentos de que o feminismo é falho por ser um movimento branco, elitista, radical e que reforça os estereótipos de gênero têm ganhado tanta força. Ademais, é importante refletir quais seriam as contribuições desse movimento de questionamento para as gerações futuras.

Há quem possa dizer que as contribuições estão em não enviesar o movimento, em não o tornar extremista e promover o diálogo “do meio” para as gerações futuras. Entretanto, a realidade apresentada é que a sociedade, por si só, é radical e tenta oprimir toda forma de diálogo e aprendizado que possam ser possibilitados pelo conhecimento. A busca é sempre por manter vivo e fortalecido o sistema vigente já naturalizado, onde o patriarcalismo e a misoginia são parte dessa grande ordem. Não coincidentemente, no Brasil, quase 1.500 mulheres foram mortas em 2023, o que indica que uma mulher é morta a cada seis horas no país em razão do menosprezo à condição feminina (G1, 2023; Bueno, 2023). Além disso, os dados de feminicídio e violência contra mulheres no Brasil mostram as fortes raízes da misoginia, onde constata-se o ódio pelas mulheres, já que o indivíduo misógino precisa ter a mulher, que é quem ele odeia, por perto, de forma a se situar fortemente em algo maior, que é a hierarquia de gêneros (Wrisley, 2023). Essa misoginia se apresenta em vários cenários, por exemplo, quando Judith Butler, que promover uma crítica a desigualdade de gênero e traz à tona temas caros para o feminismo, foi agredida fisicamente em aeroporto no Brasil, após palestrar sobre o tema em evento (G1, 2017).

Assim, observando este panorama, como teoria e prática têm lógicas diferentes, na perspectiva da teoria tradicional, o que acontece é que os indivíduos buscam independência e a sociedade exige deles passividade. Tendo em vista a teoria tradicional, é preciso compreender o diálogo entre o que é desejado e o que acontece na sociedade (Drago, 1992; Nobre, 2004, Vieira; Caldas, 2006). Enquanto a teoria embasa como as coisas deveriam ser, a prática mostra como os eventos de fato são. Se, por um lado, a teoria trata de como os eventos não são e deveriam ser, a prática, por outro lado, por mais crítica e realista que seja, ela simplesmente é. Para Nobre (2006) não se pode, de forma crítica, separar rigidamente como os eventos de fato são de como eles deveriam ser pois, caso isso acontecesse, a verdade seria apenas parcial e não real. Nesta seara, cabe a reflexão sobre o que é o feminismo e como ele deveria ser. Aqui já é possível ser pontuado que o feminismo é um movimento que visa eliminar o ódio, as mortes e as exclusões de mulheres na sociedade, em busca de uma sociedade igualitária entre gêneros. Entretanto, não é possível dizer como o feminismo deveria ser somente pelas críticas que recebe, pois assim haveria apenas uma lente focada em uma verdade deturpada e não a real. O feminismo é mais do que é possível detalhar e ver, pois, uma simples fala, um gesto singelo de igualdade de gêneros pode acender a chama do feminismo no indivíduo.

Esse movimento, na realidade, não é como ele deveria ser, pois não há igualdade de gêneros no cotidiano dos indivíduos. Seria ideal que todos fossem feministas, e os gêneros seriam tratados como igualitários. Porém, há um abismo entre ideal e real e o que se observa é que a teoria de todos terem os mesmos direitos e deveres na sociedade é apenas um direito constitucional, que está distante da

realidade observada. Para toda e qualquer teoria crítica que se possa fazer, há chance de uma reflexão, o que gera contribuições (Nobre, 2004; Clegg; Hardy; Nord, 1999), mas a verdadeira observação é que o feminismo ainda é uma prática que tem dificuldades de se concretizar e, portanto, “exalar perfume”. Contudo, a prática, embora árdua, não é falha, pois a tentativa pode ser uma faísca para acender uma nova chama, uma tendência para fazer desabrochar uma nova “rosa”. A “rosa” cálida do feminismo aflora com a beleza de desabrochar uma mulher consciente de sua realidade, forte para tentar se diferenciar e mudar a realidade que a cerca e a todas as suas semelhantes. A luta é árdua, pois são essas rosas que muitas vezes acabam sem perfume, sem cor, estúpidas e inválidas, no sentido de que a misoginia, já naturalizada em nossa sociedade, cala essas mulheres que lutam para que outras possam desabrochar.

Pode-se, portanto, pensar em como desabrochar essas rosas, em como fazer a teoria de fato florescer e assemelhar-se mais à prática. Ainda de acordo com Nobre (2004, p. 31) “a Teoria Crítica só se confirma na prática transformadora das relações sociais vigentes”. Desta forma, é preciso transformar as relações, e essa mudança tem sido o verdadeiro desafio para alinhar a teoria à prática, gerando de fato uma “*práxis social*”. Apesar dos caminhos que o feminismo tem tomado e os esforços que têm despendido, esses não têm sido suficientes para mudar a relação da sociedade com essa vertente, e não há solução pronta para ser testada. Existe uma necessidade de letramento da sociedade sobre o tema, a qual encontra barreiras no patriarcalismo e na misoginia, dificultando esse processo. A cada descoberta e provocação do feminismo, assim como acontece na Teoria Crítica, são trazidos novos conhecimentos, problemas e críticas, tanto sociais quanto epistemológicas, tornando crescente a necessidade de adaptação do conhecimento à renovação e mudança (Nobre, 2004; Vieira; Caldas, 2006). Este talvez seja um dos maiores obstáculos atualmente do feminismo: encontrar, frente aos novos problemas, não apenas mais um questionamento, mas sim a resposta para questionamentos anteriores e reformular, diante da nova realidade, um novo dinamismo de luta pela igualdade de gêneros.

Entretanto, dentro e fora da Teoria Crítica, há resistência em falar de assuntos que podem gerar reflexão na sociedade, como é o caso do feminismo. Essa resistência para abordar sobre as disparidades existe tanto por partes dominantes quanto por partes dominadas. Por esta razão, no que tange os assuntos sobre a desigualdade de gêneros, o discurso político moral dado como certo, concretiza os papéis e estereótipos de gênero pois, embora exista resistência ao poder como domínio, há implicações de cumplicidade e subordinação (Wolgemuth, 2014). Isso leva a reflexões sobre as razões pelas quais existem dificuldades enfrentadas pelo feminismo na busca de encontrar espaço de crescimento. Mesmo aqueles que pensam num espaço igualitário e mais abrangente, ao se depararem com um espaço em que há resistência, que é comum quando se trata do feminismo, acaba havendo cumplicidade e subordinação com o sistema vigente, que é dominador.

Porém, como há espaço para subordinação, há espaço para resistência. O que pode não existir é um querer, devido à opressão da ordenação, forçar a subordinação. O desafio enfrentado é como resistir ao sistema que oprime e questionar é uma das ações possíveis para resistir. Segundo Adorno (2014, p. 202), “onde o pensar é verdadeiramente produtivo, onde cria, ali ele é também um reagir”. A partir deste pensamento é possível trazer reflexões. Existe a possibilidade de o feminismo estar se deixando influenciar pelo sistema opressor e, assim, conseqüentemente, deixando de produzir algo verdadeiro. Este é um ponto para reflexão pois, se há uma certa

abertura do feminismo para que desabrochem “rosas sem cor e sem perfume”, é porque há possibilidades que esse pensamento não esteja sendo deveras produtivo, gerando uma resistência ineficaz. A razão do feminismo deve ser o reagir, ainda que esse reagir seja resistir e, para isso, é preciso que tal desabrochar seja em quem está disposto a pensar, refletir e produzir verdadeiramente e não apenas causar um barulho que pode ser enfadonho e, por consequência, abrir espaço para pensamentos que diminuem ainda mais o feminismo.

De acordo com Adorno (2014), a ciência precisa de quem não a obedeceu de forma que esse ou esses indivíduos a critiquem e a condenem. Desta forma, pode-se refletir que o feminismo carece, em certo ponto, de quem o critique, pois a partir das críticas e provocações são possibilitadas renovações e reformulações do feminismo. Ainda, conforme Adorno (2014, p. 209), “o recomeço desprovido de malícia não emburrece menos o pensamento do que a conformação solícita à divisão do trabalho”. Analogamente, o recomeço de novos pensamentos e ideais para valorização do feminismo, quando desprovidos de malícia, tendo como único objetivo a mudança da realidade frente a desigualdade de gêneros, não é menos ingênuo que aceitar a propagação do feminismo indo à luta. Pelo contrário, novas construções apontam para uma outra forma de alcançar diferentes realidades, públicos e formas de pensamento que podem fortalecer o movimento, já que a resistência, em grande parte das vezes, encontra uma resistência maior das raízes patriarcais e, ao invés do feminismo “desabrochar”, ele perde sua cor e seu perfume.

A adoção de novas abordagens do feminismo pode ser uma forma de alcançar novos públicos pois, no mundo hodierno, o capitalismo é uma massa de manobra que controla a sociedade e o seu sistema. Assim, não é interessante, por ora, que exista a igualdade de gêneros no sistema vigente, uma vez que isso enfraqueceria a hegemonia e dominação masculina, as quais permanecem imersas na realidade social, devido a busca por consagrar a ordem estabelecida (Bourdieu, 2021). Assim, ao mudar a forma de alcançar o público, encontrando novas formas que ampliam a reflexão a partir da crítica e do pensamento pautado na não comodidade frente a realidade, a luta pela igualdade de gêneros pode encontrar rosas mais coloridas que as atuais. Essa é uma possibilidade pois, segundo Voirol (2012), além da ciência ser influenciada pelo capitalismo, o seu fracasso acontece por estar vigente ao sistema capitalista e, assim, contribuir para a perpetuação das injustiças sociais, tais como o feminismo. Portanto, quando são encontradas formas de driblar essa massa de manobra produzida pelo capitalismo, torna-se mais viável encontrar caminhos que fortaleçam o capitalismo.

A Teoria Crítica, neste cenário, é uma das respostas, pois ela questiona o que as coisas são e como elas deveriam ser. Quando esta vertente está alinhada a novas perspectivas sobre como o feminismo pode se aproximar do que ele deveria ser e até mesmo se moldar para enfrentar os desafios atuais. Essa vertente de pensamento coloca seus estudiosos a encontrarem meios de questionar a realidade, buscando a aproximação da teoria e prática. Assim, conforme pontua Voirol (2012), o feminismo é a busca pela “pesquisa concreta” por estar numa constante exploração que confronta o real com o ideal. É essa busca que pode possibilitar que o feminismo entenda o capitalismo que tenta limitá-lo, e é através dela que mais respostas e mais questionadores do sistema vigente podem ser encontrados na caminhada árdua que o feminismo trilha diariamente.

Segundo Voirol (2012, p. 98), a pesquisa social deve ter como intuito “investigar mais sistematicamente o modo como as deformações dessas práticas estão emergindo, aumentando e se reproduzindo, e quais as configurações institucionais

específicas que as reforçam”. Semelhantemente, o feminismo deve entender como ele está crescendo, assim como os argumentos que o reforçam, bem como aqueles que tentam reprimi-lo. É preciso entender ambos os lados e como eles se articulam a fim de obter possibilidades de novos caminhos, diálogos e formas de pensar o feminismo. A Teoria Crítica é uma das formas de crítica social (Nobre, 2004) e, por esta razão, o feminismo pode se pautar e se embasar não somente na reflexão e na crítica para se fortalecer e encontrar outros vieses de fortalecimento. Conforme pontuado por Coning (2021), para lidar com pessoas que podem perpetuar comportamentos sexistas é preciso lidar com os desafios e frustrações desse trabalho, mas a crítica de forma empática propicia uma pesquisa honesta e produtiva. Assim, compreendendo os espinhos das “rosas”, é mais fácil cuidar para que elas possam desabrochar, o que torna legítima a necessidade de entendimento dos desafios do feminismo.

## **O FEMINISMO E SEUS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E PERPÉTUOS**

O feminismo encontra diversos desafios dentro e fora dos atuais espaços de debates contemporâneos como vistos nas redes sociais. A razão para isso é que, por ser um movimento que gera reflexão, também provoca incômodo para quem detém poder. Existe um movimento das mulheres BIPOC (*Black, Indigenous and People of Color* - mulheres pretas, indígenas ou com pele colorida) que argumentam e tentam persuadir os demais a partir da lógica e fatos de que o feminismo é um movimento branco e que as mulheres negras, até mesmo em locais de privilégio, como em Hollywood, são diminuídas (Borah et al, 2023). Ainda que este movimento tenha sua importância para abrir novos caminhos para o feminismo e propiciar-lhe um formato mais inclusivo, o que acontece também é que ele auxilia no enfraquecimento do movimento de outras maneiras. Isso acontece porque os homens, que são a parcela ainda detêm maior poder na sociedade, encontram voz em narrativas antifeministas a partir de estratégias monetizadas nas redes sociais, provocando um retardo e até mesmo interrompendo o avanço da justiça de gêneros (Borah et al, 2023).

Essas estratégias de monetização e capitalização que fortalecem o movimento antifeminista, impedem que outras “rosas” desabrochem pois, embora o movimento tenha surgido em favor da busca de novos caminhos para o feminismo garantindo maior inclusão, o que acaba acontecendo é que as “rosas cálidas” por essa inclusão tornam-se sem perfume e sem cor, pois há por trás um movimento orquestrado para diminuir o diálogo que poderia ser promovido. Neste sentido, o movimento acaba não tomando o caminho da igualdade e se enfraquece como um todo uma vez que argumentos como o de que há privilégios individuais dentro desse movimento (Kanai, 2019) acabam limitando as possibilidades de crescimento e alcance, que é a verdadeira intenção do movimento das mulheres BIPOC.

Ademais, o feminismo também é deturpado quanto a questão de ser visto como radical. Este é, na verdade, um movimento que busca quebrar com o padrão vigente na sociedade. Por ser diferente, acaba sendo rotulado como radical, mas essa percepção não reflete o feminismo e seus objetivos. Segundo Fraser e Jaeggi (2020) o capitalismo pode ser uma crise, uma contradição ou até mesmo uma alienação. Neste sentido, o feminismo, que tenta encontrar seu espaço especialmente nos países de regime capitalista, acaba tendo como desafios encontrar espaço frente a essa crise, contradição e alienação e este é um verdadeiro embate já que neste tipo de sistema o controle leva a perpetuação do sistema já que há todo uma estrutura para preservar a realidade vigente e não há interesse por abrir espaço para novos diálogos.

Ainda segundo Fraser e Jaeggi (2020), o feminismo está passando por uma mudança do “faça acontecer” para o “feminismo para os 99%”. Isso indica que há um novo pensamento e novas formas de expandir o movimento e a intenção é torná-lo compreendido e defendido pela maioria, ao invés de ser um feminismo que “grita” e “choca” para tentar ganhar espaço. O “feminismo para os 99%” é uma tentativa de crescer com o pensamento crítico e assim, fortalecer e traçar novas rotas de pensamento que alavanquem o movimento feminista.

Para alcançar mais pessoas nessa ideia de feminismo, a mídia, os movimentos neoliberais e as celebridades podem ser grandes aliados do movimento em prol da igualdade de gêneros. Conforme pontuado por Kanai (2019), pode haver por trás desse movimento uma tentativa de moldar o feminismo e seus ideais em lógicas de disciplina, aperfeiçoamento e monitoramento, levando a reivindicações competitivas. Isso acaba deturpando o movimento como um todo, pois a ideia principal não é uma luta entre um ideal e outro ou entre uma percepção e outra, mas uma união entre os diversos pensamentos que propiciem a fortaleza e crescimento desse movimento. Segundo Benedictis, Orgad e Rottenberg (2019), por mais que o movimento feminista seja visto como radical, ele é uma das alternativas para o “desabrochar” das rosas cálidas, pois propicia às mulheres ávidas oportunidades para essas serem vistas e ouvidas, além de conseguirem denunciar a cultura do estupro, a realidade cotidiana e promoverem as mudanças sociais. A mídia, neste sentido, ainda que possa reproduzir os padrões sociais e patriarcais, é também um meio de abertura para essas vozes e fortaleza para o movimento que conta com a força social mobilizadora dos meios de comunicação.

Todavia, é necessário cuidado em como essa propagação pode ser feita de forma a tornar-se acessível a um público grande e popular e não transformadas em mais uma forma de aprofundar as relações de poder e banalizar a real intenção do movimento (Banet-Weiser; Gill; Rottenberg, 2020). Isso pode acontecer pois, quando mulheres que não são consideradas da elite conseguem fazer parte dos meios de propagação da mídia, a qual é impulsionada pelo lucro, a sua participação envolve as questões de poder e controle econômico, o que por si só pode reduzir a força do movimento feminista, com o reducionismo ao qual este acaba sofrendo (Benedictis; Orgad; Rottenberg, 2019; Banet-Weiser; Gill; Rottenberg, 2020). Quanto às relações de poder, o patriarcalismo que, dentre suas definições, significa o sistema de dominação masculina sobre as mulheres (Pierik, 2022), é emblemático. Por esta razão, deve ser feito um trabalho minucioso do feminismo em relação à mídia de forma que este não se perca ou seja deturpado por essas relações econômicas e de poder.

Dentro desses padrões patriarcais, há aqueles que defendem que, ao mostrar as diferenças entre homens e mulheres, o feminismo acaba reforçando os estereótipos de gênero. Entretanto, esse é um argumento por si só sexista, ou seja, em sua característica hostil, é a representação da violência masculina contra a mulher (Agadullina et al, 2022). Segundo Liegghio et al (2022), dentro de uma pesquisa, ignorar o gênero cria condições para que o domínio cis perpetue as opressões de gênero e o sexismo. Analogamente, fora da pesquisa esta também é uma verdade. Não é possível ignorar o gênero e dizer que assim mostra-se mais igualdade. É preciso escancarar as divergências salariais, de tratamento, de oportunidade, de respeito e de vivência que mulheres e homens têm, pois é a partir disso que podem ser abertos os espaços para reflexões, diálogos e para o desabrochar de “rosas” que o feminismo busca, pois, caso contrário, o que perpetuará será o sexismo e a disparidade de gêneros.

Num contexto de pesquisa acadêmica, por exemplo, há um desafio recorrente, que é trazer a igualdade de gêneros dentro da pesquisa, devido a criticidade que há no meio em questionar a realidade. Entretanto, manter um diálogo e postura feministas é um dilema, especialmente por ser recorrente a preservação da identidade e, nesse processo, participantes e pesquisadores são percebidos como alguém do gênero masculino. O desabrochar da “rosa” e o fim da perpetuação do machismo até num ambiente onde, supostamente, há maior abertura às críticas, reflexões e diálogo ainda é um desafio. Segundo Liegghio et al (2022) mais do que melhorar as práticas de documentação, é preciso melhorar as metodologias de forma a captar a complexidade dos indivíduos, de suas relações e da sua realidade social. Mais do que honrar a realidade e particularidade, é preciso honrar a identidade, a história e contexto histórico vivenciado pois há mulheres marginalizadas em diversas circunstâncias ao redor do globo, e é papel do pesquisador validar essas histórias de forma honrosa (Burkhard; Park, 2019). O feminismo, portanto, para ser mais presente nestes locais, precisa também ser estudado e discutido. Embora supostamente as universidades propiciem ambientes abertos ao diálogo, ainda há muitas controvérsias e patriarcalismo ligado à intelectualidade. Apresentar pesquisas que mostram os desafios vigentes das mulheres neste meio é mais uma forma de chocar e moldar as ideias feministas neste meio.

Não somente no meio acadêmico, mas no campo cultural como um todo, o feminismo é abordado e interpretado de formas diferentes por partir de perspectivas diferentes (Banet-Weiser; Gill; Rottenberg, 2020). O feminismo em seus desafios contemporâneos mostra que tudo o que o cerca é moldável, assim como ele pode ser, mas é importante a perspicácia de como isso deve ser feito para que não exista exclusão, privilégios ou inversão de valores. Conforme pontuado por Allen (2023) o feminismo escancara que os fatos dificilmente são o que aparentam ser na superfície pois a vida é contraditória. Isso indica que em se tratando de feminismo, de movimentos que prezam pela igualdade, muitas vezes o campo parece uma roseira bela, mas na verdade o solo é infértil. Na universidade, por exemplo, seria um local que mais possivelmente o diálogo em torno das questões feministas seriam mais aceitas. Entretanto, em ambientes dominados por homens, como a pesquisa, as mulheres têm que buscar equilíbrio entre envolvimento e distanciamento, e esse trabalho adicional e invisível é exaustivo, ainda mais por terem que lidar com o preconceito traduzido pelos estereotipados papéis de gênero (O’Hanlon et al, 2023).

Além da dominância em certos locais e do preconceito estereotipado de gênero, há ainda a violência sexual, na qual o Estado torna-se, em alguns casos, até um perpetuador deste tipo de violência quando não toma partido de um dos lados o que, por si só, já é uma armadilha contra o feminismo (Duff, 2018). Segundo Butler (2018) a partir das categorias, conceitos e abstrações, o sistema tende a praticar uma violência contra corpos que, supostamente nesta violência, estão sendo organizados e interpretados. Isso aponta para o fato de que o Estado, ao não se posicionar e tendo um sistema que já é violento pela sua heteronormatividade e sexismo, acaba fortalecendo todos os argumentos antifeministas e o movimento feminista acaba enfraquecido pelo próprio contexto no qual tenta atuar. Butler (2018, p. 164) argumenta também que “o corpo dilacerado e as guerras travadas entre as mulheres são violências textuais, são a desconstrução dos construtos que desde sempre representam uma espécie de violência contra as possibilidades do corpo”. Isso mostra que as mulheres, devido ao sistema patriarcal, já travam guerras violentas entre si. Ademais, ao tentarem desconstruir construtos enraizados pelo patriarcado, o

movimento acaba violentando alguns outros corpos pois o movimento pode tornar-se restrito a uma elite que precisa desse “desabrochar” que foi discutido neste ensaio.

As “rosas” precisam entender todas as questões que permeiam o feminismo e o ambiente no qual ele tenta se inserir para que elas possam desabrochar, mostrando suas cores e perfume. Não basta o feminismo por si ser uma luta e tentar emplacar um diálogo e uma reflexão se não houver entendimento de toda a estrutura que o permeia. Agir de forma radical pode não ser a forma mais viável de conseguir adeptos e defensores pois, conforme foi discutido ao longo deste ensaio, esse movimento, se feito nesses moldes, acaba sendo excludente. Mais do que trazer choque, o feminismo, entendendo o contexto em que se insere e se moldando para trazer o diálogo, pode trazer uma nova estrutura na qual as próximas gerações serão mais feministas pelo próprio contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente ensaio foram discutidas lacunas do feminismo e também da Teoria Crítica, esta que é um dos grandes aparatos para o movimento feminista. Este ensaio buscou compreender como o feminismo se encaixa na crítica social atual, mostrando que as estruturas de poder e opressão são o real desafio do feminismo e da crítica de conseguirem um espaço de diálogo. Entretanto, o que pode ser observado é que, conforme pontuado por Allen (2023) o futuro para o feminismo tende a ser comovente pois a teoria, o método e a *práxis* feminista podem gerar reflexões reais para o cotidiano e assim mudar o contexto de gerações futuras. Embora existam textos e diálogos sobre esta temática, estes ainda são incipientes. Quanto mais argumentos fundamentados teoricamente, mais reflexões são geradas, o que possibilita a reflexão de mais pessoas em torno do tema.

Conforme pontuado por Banet-Weiser, Gill e Rottenberg (2020) a discussão dentro e fora do meio acadêmico sobre assédio sexual, violência sexual e as várias outras formas de violência de gênero dominante sempre foram recorrentes, pois a misoginia e o sexismo permanecem arraigados na sociedade. Contudo, conforme também pontuado por essas pesquisadoras, esses tópicos geram reflexões e mais estudo sobre o tema, além de maior mobilização e envolvimento em projetos feministas. Por isso, é interessante que o tema seja recorrentemente abordado, com discussões sobre as mudanças e ausências, e que as perspectivas de cada debatedor quanto ao tema sejam expostas, conforme foi feito neste ensaio. Este texto, é uma das formas de deixar o tema sempre em pauta, promovendo discussões e reflexões cada vez mais profundas, dinâmicas e transformadoras para a sociedade vigente e para as futuras gerações.

Este ensaio teve como objetivo elucidar as questões do feminismo a partir da lente da Teoria Crítica, pois muitas vezes o mundo acadêmico traz o que a realidade deveria ser, mas é essa abordagem teórica que mostra que, na verdade, a realidade está distante do que careceriam de ser. Ademais, a política e os governantes trazem pautas de igualdade de gêneros mas, conforme aqui discutido, o Estado é regido pelo sexismo e pela misoginia, bem como o mundo acadêmico, local onde, supostamente, haveria uma maior igualdade de gêneros. A Teoria Crítica então é um dos “adubos” para tornar o “solo” mais fértil e propiciar que as rosas cálidas se tornem coloridas e com perfume nesse solo patriarcalista e misógino que ainda é tão infértil para as mulheres.

O presente ensaio buscou, além de compreender as contribuições da teoria crítica para as discussões sobre o feminismo, gerar incômodo sobre a realidade que cerca a sociedade e trazer uma criticidade para a contemporaneidade, colocar uma lente crítica sobre questões. Observa-se que o feminismo e suas tentativas de ser “colorido” e “perfumado” estão ainda longe da realidade na sociedade hodierna. Se teoria e prática têm lógicas diferentes (Nobre, 2004; Vieira; Caldas, 2006), cabe a nós, como indivíduos, entendermos qual a lógica queremos levar para a prática e, a partir deste texto, é esperado que a lógica do leitor seja diferente do que a do patriarcalismo e da misoginia. Conforme pontuado por Banet-Weiser, Gill e Rottenberg (2020) quando o feminismo se torna visível de uma nova forma a sua importância foi alcançada pois a mensagem feminista, que há tanto tempo vem tentando ser transmitida, finalmente, mesmo que de forma pequena, foi recebida. Assim, espera-se que este ensaio tenha sido parte desta mensagem.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Anotações ao pensar filosófico. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, v. 19, n. 2, p. 199-209, 2014.

ALLEN, Katherine R. Feminist theory, method, and praxis: Toward a critical consciousness for family and close relationship scholars. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 40, n. 3, p. 899-936, 2023. <https://doi.org/10.1177/02654075211065779>

AGADULLINA, Elena et al. Ambivalent sexism and violence toward women: A meta-analysis. **European Journal of Social Psychology**, v. 52, n. 5-6, p. 819-859, 2022. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2855>

BANET-WEISER, Sarah; GILL, Rosalind; ROTTENBERG, Catherine. Postfeminism, popular feminism and neoliberal feminism? Sarah Banet-Weiser, Rosalind Gill and Catherine Rottenberg in conversation. **Feminist theory**, v. 21, n. 1, p. 3-24, 2020. <https://doi.org/10.1177/1464700119842555>

DE BENEDICTIS, Sara; ORGAD, Shani; ROTTENBERG, Catherine. # MeToo, popular feminism and the news: A content analysis of UK newspaper coverage. **European Journal of Cultural Studies**, v. 22, n. 5-6, p. 718-738, 2019. <https://doi.org/10.1177/1367549419856831>

BORAH, Porismita; GHOSH, Shreenita; SUK, Jiyoun; MINI, Darshana Sreedhar; SUN, Luhang. Feminism not for all? The discourse around White feminism across five social media platforms. **Social Media+ Society**, v. 9, n. 3, p. 20563051231186862, 2023. <https://doi.org/10.1177/20563051231186862>.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 19ª.ed. Bertrand: Rio de Janeiro, 2021.

BUENO, Samira et al. **Femicídios em 2023**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/244>. Acesso em 31 jul. 2024.

BURKHARD, Tanja; PARK, Su Jin. Translating (in) the margins: The dilemmas, ethics, and politics of a transnational feminist approach to translating in multilingual qualitative research. **Qualitative Research**, p. 1-19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/14687941231165889>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. **Handbook de estudos organizacionais: modelos de análises e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, v. 1, 1999.

CONING, Alexis de. Seven theses on critical empathy: a methodological framework for 'unsavory' populations. **Qualitative Research**, v. 23, n. 2, p. 217-233, 2023. <https://doi.org/10.1177/14687941211019563>

DRAGO, Pedro Anibal. Teoria crítica e teoria das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 32, p. 58-64, 1992.

DUFF, Koshka. Feminism against crime control: on sexual subordination and state apologism. **Historical materialism**, v. 26, n. 2, p. 123-148, 2018.

FILÓSOFA Judith Butler é agredida em aeroporto de SP e mulher leva tapa ao defendê-la. **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghml>. Acesso em: 03 jan. 2024.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica**. Boitempo Editorial, 2020.

KANAI, Akane. Between the perfect and the problematic: Everyday femininities, popular feminism, and the negotiation of intersectionality. **Cultural Studies**, v. 34, n. 1, p. 25-48, 2020. <https://doi.org/10.1080/09502386.2018.1559869>

LIEGGHIO, Maria et al. "He/his/she/her/father/mother/son/daughter": A critical reflection of reproductions of cis-normativity and cis-dominance in preparing qualitative data for analysis. **Qualitative Research**, v. 23, n. 5, p. 1481-1491, 2023. <https://doi.org/10.1177/14687941221096592>

MORAES, Vinicius. **A rosa de Iroshima: poemas sobre pessoas, acontecimentos e lugares**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. São Paulo: Zahar, 2004.

O'HANLON, Rebecca et al. Conducting ethnographic research in male-dominated environments: Reflections of a (n)(emotional) female researcher. **Qualitative Research**, p. 1-18, 2023. <https://doi.org/10.1177/14687941231206785>

PIERIK, Bob. Patriarchal power as a conceptual tool for gender history. **Rethinking History**, v. 26, n. 1, p. 71-92, 2022. <https://doi.org/10.1080/13642529.2022.2037864>

VELASCO, Clara et al. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 03 jan. 2024.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; CALDAS, Miguel P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, p. 59-70, 2006.

VOIROL, Olivier. Teoria crítica e pesquisa social: da dialética à reconstrução. **Novos estudos CEBRAP**, n. 93, p. 81-99, 2012.

WRISLEY, Samantha Pinson. Feminist theory and the problem of misogyny. **Feminist Theory**, v. 24, n. 2, p. 188-207, 2023.

WOLGEMUTH, Jennifer R. Analyzing for critical resistance in narrative research. **Qualitative Research**, v. 14, n. 5, p. 586-602, 2014. <https://doi.org/10.1177/1468794113501685>